

PAPO DE ÍNDIO

13/12/87

txai terri valle de aquino

Lindo! Lindo mesmo o papo de índio do João das Neves do domingo de hoje. É poesia pura. Com esse texto, embora não seja essa a sua intenção, o João nos mostra que não é à toa que ele é considerado um dos bons teatrólogos brasileiros. Essa raridade de pessoa humana, que ele realmente é, está entre nós há mais de três meses, ensinando aos nossos atores o que é viver teatro sem aquela pose de artista empavonado. Em meados deste mês vamos ter oportunidade de ver o fruto do seu trabalho teatral aqui no vale do Acre, dirigindo os atores locais (inclusive a Verinha, mãe de Caetano e da Bebel, meus amores acreanos) interpretando flagrantes de nossa realidade proviciana e como ela pode ser encarada como uma experiência universal. Atenção pessoal, ninguém deve perder.

Quero também publicamente agradecer ao João das Neves por ele ter escrito o melhor papo de índio até hoje. No duro mesmo, sem demagogia e puxa-saquis-

mo. Acho que tá dando um bom exemplo para os indigenistas e escritores locais a escreverem também qualquer coisa de índio ou de Acre. Na verdade, vamos reconhecer isso, todos os acreanos temos um pouco de índio dentro de nós. Pelo menos enquanto existir esta grande floresta que nos rodeia. Esta coluna, digo mais uma vez, não é pessoal e ainda não ganho nada por escrevê-la, a não ser uma "bronca" amiga do Mário Emílio pra diminuir o número de laudas por causa do espaço do jornal em dia de domingo. Apenas estou levando a sério outra provocação do Elson Martins (lembra-se do Varadouro?), um bom amigo, acreanista e um dos coroneis da imprensa acreana. É por causa de gente como o Elson, o Toim Alves, o Luis Carvalho e essa paixão pela floresta que vivo há dez anos nesta terra de muitos índios.

Só tenho um detalhe a acrescentar à poesia do João das Ne-

ves. Ele falou duas vezes no texto do meu sono profundo e dos fantasmas que povoam as minhas noites inquietas. Espero que os leitores não pensem que vou pra aldeia só pra dormir preguiçosamente na rede. Ele se esqueceu de falar dos meus sonhos acordados, quando eu falo pros índios, tanto nas aldeias como na cidade, que só eles próprios podem garantir as suas terras e as riquezas nelas existentes. E não é a Funai nem ninguém que vai garanti-las. E aí até eu me incluo.

Eu quero mesmo é dormir um sono profundo e só me acordar em outra encarnação, quando o planeta Terra estiver melhor. E quero despertar todos nós sejamos simplesmente índios. É isso aí João, adorei o teu papo de índio, borboletas e onças. Acredito que os leitores, a exemplo do Toim Alves, que leu antes de publicado, também gostem. E olhe que o Toim é meu guru, sem dúvida o melhor cronista de minha aldeia. Com a Palavra o amigo João.



João das Neves: borboletas e índios

O MENINO E AS BORBOLETAS

JOÃO DAS NEVES

É possível a um jipe voar como as borboletas? Pois foi o que aconteceu há duas semanas na BR-317 quando eu e o Terri nos dirigíamos às aldeias dos Apurinã. Até aquele instante a estrada estava péssima e só a habilidade do motorista Elias Juruna na direção evitara que ficássemos pelo meio do caminho. De repente, o milagre. Havíamos acabado de penetrar na área Apurinã do 124 e começamos a levitar.

E olhe que não havia Daime no pedaço. A floresta se debruçou sobre nós, a estrada se transfigurou e as borboletas — milhares e milhares — invadiram as nossas retinas. Não dá para contar, fechem os olhos e imaginem-se transportados pelo ar por miríades de pequenas asas multicoloridas. Milagre da floresta a querer nos dizer, aos cariús, que deveríamos deixá-la quase intocada como ali, na área Apurinã, apenas aberta nas clareiras dos roçados e das residências da gente do cacique Leôncio Miguel de Lima? Grito desesperado dos pequenos insetos a denunciar que, mesmo ali, a mata começa a ser impiedosamente derrubada por madeireiros que invadem a área, e o que é pior, chamados por parte dos Apurinã, felizmente uma minoria, já tocada pela mosca azul da cubica? Sim, porque havia algo de estranhamente desesperador naquela beleza inaudita de borboletas em fase de acasalamento a se chocarem em alta velocidade contra os vidros dianteiros do Engesa. E, se, pela imensa quantidade, conseguiram nos transmitir a sensação de que entre elas levitávamos, também nos recordavam que

muitas, ao se abaterem contra os vidros, ali ficavam pregadas e mortas, testemunhas silenciosas da invasão e dos desmandos do homem branco.

Mas eu não aceitei o convite do Txai Terri para contar a vocês coisas tristes em sua coluna. Fiquemos, das borboletas, com a sua festa viva e colorida através da qual elas nos levaram até a casa do Leôncio, onde fomos carinhosamente recebidos por ele e por Dona Ângela: ele aquiescendo em contar, pacientemente, as histórias de antigamente de sua gente, e ela nos preparando um gostoso pirarucú para que nos refizéssemos das fadigas da viagem. Sentindo o meu interesse, o Leôncio, brincalhão, disse que ia ganhar muito dinheiro naquela noite e eu, para saldar a dívida, resolvi pagar-lhe na mesma moeda, contando-lhe também histórias. Não tão antigas e belas quanto as dele, mas, pelo menos, contadas com o mesmo prazer. E com prazer verifiquei que todos à nossa volta bebiam as nossas palavras, especialmente a criança de olhos arregalados e sorriso nos lábios. E era tão gostoso o clima que envolvia aquelas renações que até o Elias se animou e desandou a contar mentiras engraçadas lá do seu Ceará, enquanto o Terri dormia e falava como o Diabo, quem sabe também contando histórias, mas que só ele entendia pois eram contadas lá pra dentro dele mesmo.

E assim ficamos até altas horas, quando todos já dormiam e apenas eu e o Leôncio fazíamos, rindo sob o céu estrelado, as contas de quem devia a quem ao olhar atento do laun-Irieeri, seu menino mais velho. Na manhã seguinte fomos para a aldeia do quaren-

ta e cinco e, no caminho, vimos muita coisa:

— Vimos a devastação que estava sendo promovida pelos madeireiros na reserva do 137; vimos dois rapazes que caminhavam pela estrada com uns dez perdigueiros atrás deles. Tinham acabado de matar duas onças pardas que carregavam nos ombros.

Pediram-nos que lhes déssemos uma carona e explicaram que tinham ido à caça das onças, estimulados por um fazendeiro que prometera uma boa recompensa — um boi por onça morta — pois elas estavam comendo o seu gado; encontramos também o posseiro Cícero Goiano, de quem o Terri já lhes falou em artigos anteriores, que nos recebeu em sua casa com uma água bem geladinha e um almoço que recusamos, pois o Leôncio já nos alimentara pela manhã com um belo tatú e Dona Ângela, antes que sássemos, fizera questão que passássemos pela casa das professoras para comermos uma canjica que haviam preparado para nós. Seguimos, então, depois de um dedo de prosa, a nossa viagem, e, na minha cabeça, pintou o seguinte enigma, depois que os rapazes com as onças mortas nos ombros saltaram do jipe. Passo-o para os leitores: É a onça que mata o boi, ou o boi que mata a onça? Resposta no final deste artigo. Finalmente chegamos à aldeia do 45 e fomos encontrar o líder Zé Miranda e sua família na casa de farinha, pois todos estavam empenhados em preparar uma partida que fora previamente contratada. À noite, depois de uma boa pelada no campo de futebol da aldeia, em que o nosso time foi honrosamente derrotado pelo apertado placar de 20 a 18 e não pe-

los números vergonhosos que o Terri maliciosamente divulgou nesta coluna na semana passada, jantamos e, para não perder o hábito, contei para as crianças uma estória que inventei lá na hora. O laun-Irieeri havia nos acompanhado na ida ao 45 e ouviu a nova estória com os olhinhos atentos e arregalados da noite anterior. O Txai Terri a esta altura já dormia, falando e se contorcendo na rede. Parecia estar com um pesadelo. Vai ver que estava recordando os gols que lhe fiz no final do jogo, quando, com a língua de fora, foi ser goleiro de seu time.

Na manhã seguinte, ao acordar, só o laun-Irieeri estava de olhos abertos, ainda em sua rede. Ele sorriu para mim e, apontando para o sol nascente, disse enquanto ilustrava a trajetória do sol com um gesto amplo e circular:

"lá em casa o sol nasce daquele lado, aqui nasce daquele". E completando o gesto, acrescentou: "depois vai para baixo da terra". E de seu dedo que riscava o céu é que surgiram as borboletas coloridas que nos acompanharam no caminho de volta.

Resposta do enigma:

Não é nem um nem outro.
Quem mata os dois
É o dono dos bois.

Fonte: Revista de Arte
Data: 13/12/87
Pg.: 04
Class.: φ8

CEDI
Povos Indígenas no Brasil